



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
PEDAGOGIA - LICENCIATURA – EaD**

Lucineide Omena Gomes

**O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO COMO
ALIADO NO ENSINO DE ESTUDANTES COM AUTISMO**

Maceió – AL

2022

Lucineide Omena Gomes

**O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO COMO
ALIADO NO ENSINO DE ESTUDANTES COM AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Graduação em Pedagogia,
da Universidade Federal de Alagoas,
como requisito parcial para obtenção do
grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Brandão
Marques.

Maceió – AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Roselito de Oliveira Santos / CRB 1463

G633p Gomes, Lucineide Omena

O plano educacional individualizado como aliado no ensino de estudantes com autismo/Lucineide Omena Gomes. – 2022.

48 f. : il.

Orientador: Leonardo Brandão Marques..

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 38-42.

1. Plano educacional individualizado 2. Inclusão escolar 3. Autismo.
4. Educação especial I. Título.

CDU: 376

LUCINEIDE OMENA GOMES

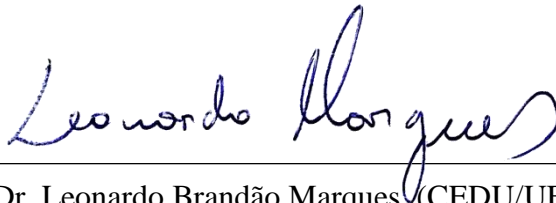
**O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO COMO ALIADO NO ENSINO
DE ESTUDANTES COM AUTISMO**

**Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia à distância do
Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para
obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).**

Orientador(a): Prof. Dr. Leonardo Brandão Marques.

Artigo Científico defendido e aprovado em: 22 /02 / 2022.

Comissão Examinadora



Prof. Dr. Leonardo Brandão Marques (CEDU/UFAL)

Documento assinado digitalmente
gov.br ELISANGELA LEAL DE OLIVEIRA MERCADO
Data: 29/03/2022 23:05:44-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Elisangela Leal de Oliveira Mercado (CEDU/UFAL)

Documento assinado digitalmente
gov.br Ivanise Gomes de Souza Bittencourt
Data: 04/04/2022 20:24:57-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Ivanise Gomes de Souza Bittencourt (EENF/UFAL)

Maceió

2022

Dedico este trabalho aos meus filhos:

Ruana, Cáucaso, Monalisa, Ariana, Sésamo e Melissa,

por serem meus grandes amores e torcedores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amados filhos que sempre me apoiaram e incentivaram a concluir essa importante etapa da minha vida. Aos meus genros Ruan e Vitor por entrarem nessa torcida. Ao Professor Dr. Leonardo Brandão Marques por aceitar me orientar nesse trabalho. Às minhas colegas da turma 2014 de Pedagogia EaD (CEDU-UFAL) que me despertaram vínculo afetivo: Cléia, Márcia, Janaína, Lidiane, Gerty, Iêda e Verônica. À colega Arly Tenório, por sua contribuição em responder o formulário, Jô, Sulamita, Fran e Joseli por ajudarem a divulgar a pesquisa e pelo carinho (mútuo). Fernando e Luciana pelas parcerias nos trabalhos acadêmicos. Aos meus professores dessa graduação que contribuíram de várias formas pelo meu sucesso. Principalmente aos professores da rede municipal que tiveram a linda gentileza de responder ao meu questionário. E uma gratidão especial aos meus amigos anjos e arcanjos pela ajuda celestial.

*“Educação é a iluminação de uma chama,
não o enchimento de um recipiente”.*

(Sócrates)

RESUMO

O Plano Educacional Individualizado (PEI) é um recurso pedagógico que auxilia na inclusão de alunos com autismo. O presente estudo pesquisou o uso desse recurso ou de práticas de gestão e planejamento que guardam semelhança com a proposta na rede municipal de Maceió. Os objetivos foram saber se os professores conhecem o PEI, ou parte das práticas que o compõem, se o utilizam e como o fazem. Em caso negativo, como fazem planejamentos específicos para o aluno com TEA. A pesquisa foi do tipo descritiva mista: quantitativa e qualitativa, feita de maneira transversal via questionário. O período de aplicação foi o segundo semestre do ano de 2021. O local escolhido foi a Rede Municipal de Ensino de Maceió. E a amostra foi de 26% das 92 escolas dessa rede. O resultado foi que, a depender da qualificação do professor, ele pode ter uma inclinação a se aprofundar mais em ferramentas e metodologias que amparam melhor sua prática pedagógica na inclusão do estudante com autismo. Outro ponto evidenciado é a necessidade de demonstração das vantagens e o incentivo do uso dessa forma de planejamento pelos professores da sala de aula regular. Percebeu-se então a carência de maior divulgação sobre o PEI. Neste sentido, o estudo pretende encorajar aos pesquisadores, futuras investigações dos procedimentos da elaboração do PEI, principalmente concernente a uma melhor articulação entre a família do aluno com TEA, os educadores e os terapeutas envolvidos, assim como quais empecilhos para sua implementação e as possíveis soluções.

Palavras-chave: plano educacional individualizado, inclusão escolar, autismo.

ABSTRACT

The individualized educational plan (IEP) is a pedagogical resource that assists in the inclusion of autistic students. The present study examined the use of this resource or the management and planning practices that are similar to it in the municipal network of Maceió. The objectives were to know if the teachers know the IEP, or part of the practices of it, if they use it and how they do it. If not, how they make specific plans for the student with ASD. The type of research was the mixed methods approach: quantitative and qualitative, with a cross-sectional survey. The application period was the second half of the year 2021. The chosen location was the Public City Education Network of Maceió. And the sample was 26% of the 92 schools in this network. The result was that depending on the teacher's qualification, they may be inclined to delve deeper into tools and methodologies that better support their inclusive pedagogical practices for the student with autism. Another highlighted point is the need to demonstrate the advantages of an IEP and encourage its use for teachers in the regular classroom. Implications point to the need for a higher dissemination of the specialized educational plan. *In this sense*, the study seeks to encourage researchers to investigate further into the procedures of the elaboration of the IEP, especially regarding the best communication form between the student's family, the educators and therapists, as well as the obstacles to implementing it and possible solutions.

Keywords: individualized educational plan, inclusive education, autism.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Diagnósticos dos alunos.....	25
Gráfico 2 – Graus de autismo dos alunos.....	25
Gráfico 3 – Outras deficiências concomitantes com o autismo.....	26
Gráfico 4 – Acompanhamento terapêutico dos alunos.....	29
Gráfico 5 – Articulação do trabalho do professor com os terapeutas do aluno....	29
Gráfico 6 – Demonstrativo dos argumentos por quem utiliza o PEI.....	30
Gráfico: 7 – Argumentos dos professores que não utilizam o PEI.....	31
Gráfico 8 – Demonstrativo da frequência de reunião da equipe pedagógica.....	33
Gráfico: 9 – Sobre o uso de metodologia adaptada para o aluno autista.....	35

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Sobre a Comunicação do Aluno Autista.....	26
QUADRO 2 - Sobre os Movimento do Aluno Autista.....	27
QUADRO 3 - Sobre a Interação do Aluno Autista.....	27
QUADRO 4 – Opções escolhidas pelos participantes que não usam o PEI.....	32

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Caracterização dos Participantes/Professores.....	21
TABELA 2 - Especializações dos Participantes.....	23
TABELA 3 - Relação de idades, séries e a diferença (em anos) dos estudantes....	23
TABELA 4 - Demonstração do uso do PEI.....	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3. METODOLOGIA.....	17
3.1 Tipo da Pesquisa.....	18
3.2 Abordagem da Pesquisa	18
3.3 Local da Pesquisa	18
3.4 Sujeitos da Pesquisa	19
3.5 Coleta de Dados.....	19
3.6 Análise do Conteúdo	20
3.7 Limites da Pesquisa	20
3.7.1 Cumprimentos dos Objetivos	20
3.7.2 Resultados Diferentes	20
3.7.3 Prazos	21
3.7.4 População e Amostra	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICES.....	41

1. INTRODUÇÃO

Quais serão os desafios para uma professora do ensino fundamental? Como será sua expectativa diante de um aluno com autismo? O presente estudo percebeu a necessidade de se aprofundar o conhecimento sobre como acontece o aprendizado dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), atualmente considerado um relevante desafio dos docentes do ensino fundamental que necessitam atualizações constantes, no que se referem às ferramentas, métodos e estratégias de ensino, tendo como grande aliado nessa incumbência o Plano Educacional Individualizado (PEI).

Considerando que planejar aula sempre foi algo muito comum do cotidiano escolar e elaborar um plano para um tipo específico de aluno exige do educador uma atenção especial. Pereira (2014) aborda que tal proposta envolve a estrutura de objetivos, conteúdos, metodologias e avaliações que consideram a singularidade de cada aluno, de forma a garantir o acesso ao currículo e à aprendizagem de conteúdos acadêmicos sobre o ensino individualizado.

No que diz respeito à inclusão escolar, segundo Amando e McBride (2001), os programas e serviços envolviam segregação, os alunos eram agrupados por deficiência, e seus planos eram similares ou padronizados para todas as pessoas de uma mesma instituição. Na fase da segregação, o planejamento era direcionado na instituição, objetivando suavizar o déficit causado pela deficiência do estudante.

Contudo, a legislação nacional prevê a individualização do ensino, adaptações e medidas de apoio como condições para possibilitar a inclusão de alunos com deficiências e outras necessidades educacionais especiais no sistema educacional (Mascaro, 2018). O Plano Municipal de Educação da cidade de Maceió capital do estado de Alagoas, aborda no item 2.3 como umas das estratégias, identificar a necessidade do atendimento individualizado dos estudantes do ensino fundamental, “criando mecanismos de apoio biopsicopedagógico para atender especificidades, responsabilizando-se com o processo de aprendizagem e ensino, através de apoio pedagógico, sala de recursos multifuncionais, dentre outros” (PME, 2015, p. 98).

Costa e Schmidt (2019) salientam que o PEI, é um recurso de avaliação abrangente, contando com a participação direta e articulada de todos os envolvidos com o aluno e pode proporcionar uma análise pormenorizada da situação de

aprendizagem do estudante para atender às diretrizes legais de acessibilidade ao currículo, sobre o envolvimento das pessoas que elaboram esse plano para que objetivos em comum sejam atingidos, visando o desenvolvimento do aluno com TEA.

Em contextos escolares, professores que atuam em sala de aula nas redes educacionais brasileiras são os principais agentes da identificação de alunos com algum tipo de dificuldade escolar, emocional ou com atraso de desenvolvimento que impacta o desempenho acadêmico e o funcionamento adaptativo. O processo formal de aprendizado acadêmico demanda do aluno o desenvolvimento de diversos repertórios sociocomportamentais e habilidades cognitivas compatíveis com as exigências das atividades escolares e educativas no contexto escolar, a saber: habilidades de leitura, escrita, cálculo, repertórios de habilidades sociais de relacionamento com pares em diversos contextos, habilidades sociais assertivas de relacionamento com colegas, realização de atividades acadêmicas em grupo, solução de problemas interpessoais, dentre outras (FARIAS et al., 2020, p.43).

De acordo com Pereira (2014), o Plano Educacional Individualizado impactou na aprendizagem de crianças com TEA comparado com o tempo de sua ausência. Ao analisar estudos relacionados, além da formação deficitária, autores abordam a existência de sentimentos de medo e despreparo em lidar com o aluno com TEA. A princípio, o início do trabalho docente junto aos alunos com deficiência é marcado por sentimentos de insegurança, medo, incapacidade e desânimo, contudo, ao demonstrar interesse em contribuir na evolução do aluno, conhecendo suas dificuldades e realizando um Plano Educacional Individualizado, os docentes transferem segurança aos pais, os quais contribuem com suas vivências sobre as especificidades dos filhos, havendo uma relação escola-família tornando o processo mais integrado (ORRÚ, 2003; BRIDI, FORTES E BRIDI FILHO, 2006; CAMARGO E BOSA, 2009).

Em relação ao combate à exclusão educacional, tal pauta tem sido principal questão em temas de pesquisas e de debates na área da Educação nas últimas décadas. Entre as diferentes perspectivas que abordam este assunto, a busca por alternativas favoráveis à inclusão escolar de alunos com condições atípicas de desenvolvimento e de aprendizagem, denominados alunos com deficiência, vem sendo um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores na atualidade (GLAT, VIANNA E REDIG, 2012).

O presente estudo, buscou investigar respostas atuais de como se está conduzindo o ensino individualizado nas escolas da rede municipal de Maceió através do uso do Plano Educacional Individualizado (PEI) ou outros meios semelhantes, tendo como investigação três objetivos específicos. O primeiro objetivo foi conhecer sobre a presença de legislação específica para o Plano Educacional Individualizado (PEI) na rede municipal de ensino, como se dá a elaboração e utilização. O segundo objetivo foi observar se há diferenciação entre o Plano Educacional Individualizado (PEI) ou outro planejamento pedagógico substituto ao PEI. O terceiro objetivo específico foi comparar a prática pedagógica inclusiva utilizada pela escola com as recomendações determinadas pelo PEI e ver se os objetivos se alinham.

Para tanto, foram realizados questionamentos para verificar se os procedimentos apresentados poderiam ter elementos e/ou atitudes que remetem ao Plano Educacional Individualizado (PEI), pois como citado anteriormente, existem vários fatores que personalizam o PEI como: ser produzido pela professora da sala de aula regular junto com a psicopedagoga da sala de recursos, a auxiliar de sala (se tiver), o responsável pela pessoa com autismo, um membro da equipe terapêutica, a coordenadora pedagógica e o próprio aluno (se interagir).

Costa e Schmidt, (2019); Bassi, Brito e Neres, (2020), destacam-se as opiniões desses autores, pois relatam que o PEI não está na legislação nacional, embora existam dispositivos que garantam a individualização do ensino e o trabalho colaborativo (Brasil, 2015). No entanto, ainda há uma confusão a respeito disso, fazendo com que muitas vezes os profissionais se confundam, entendendo que o Plano Educacional Individualizado (PEI) é o Plano do Acompanhante Educacional Especializado (AEE), que está garantido em lei.

O interesse da pesquisadora, responsável por esta pesquisa surgiu devido ao vínculo familiar com uma pessoa com TEA, com isso, buscou investigar mais sobre metodologias disponíveis e cientificamente comprovadas que melhoram o processo de ensino e aprendizagem de pessoas que possuem deficiência, provocando assim, dificuldades no desenvolvimento. Além disso, verificar as concepções dos professores frente a esses indivíduos com dificuldades, pois de acordo com Pletsch e Glat (2012, p.198) “é preciso levar em consideração a supervalorização das habilidades cognitivas presente nas concepções dos

educadores que torna esses sujeitos, em suas percepções, inelegíveis à aprendizagem formal”.

O público alvo deste estudo foram professores do ensino fundamental das séries iniciais pelo acesso direto que possuem com os alunos que ingressam nessa modalidade de ensino, tendo em vista a obrigatoriedade dos pais em matricularem seus filhos na escola devido ao desenvolvimento que ela propicia. Entretanto, Pereira (2014) descreve que em suas pesquisas em periódicos, revistas, teses e dissertações brasileiras constatou um número incipiente de pesquisas envolvendo sujeitos com autismo e ainda inexpressiva a quantidade de investigações sobre a contribuição do Plano Educacional Individualizado (PEI).

Em um estudo realizado na cidade de Maceió, capital alagoana, sobre alunos com autismo na rede regular da Secretaria Municipal de Educação - SEMED foi realizado um levantamento sobre o ensino individualizado a esse público, obtiveram-se relatos, de professores, que a direção da escola juntamente com a mãe de um estudante diagnosticado, realizavam um planejamento específico sem a sua participação, sendo que o professor desconhecia o conteúdo do planejamento, tendo assim muitos professores demonstrado desconhecer sobre o Plano Educacional Individualizado (RIBEIRO, MELO E SELLA, 2017).

O objetivo geral deste estudo foi compreender como acontece o uso do Plano Educacional Individualizado (PEI) na rede municipal de Maceió, investigando como são desenvolvidos os planejamentos e quais outras estratégias usadas em substituição ao PEI para o bom andamento do ensino e aprendizagem dos alunos com autismo. Compreende-se que, atualmente o PEI tem sido uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de um ensino individualizado de crianças com TEA. Com esse entendimento, a inclusão pode ser possível, afinal, existem respostas positivas quanto a essa viabilidade, porém, a escola necessita ter estrutura, os profissionais precisam ser qualificados e é imprescindível o apoio de uma equipe multidisciplinar (PIMENTEL E FERNANDES, 2014).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A trajetória escolar de indivíduos com deficiência foi marcada por um histórico de estigmatização, desigualdade de oportunidades e desvalorização humana. Esse fenômeno sugere a existência de falhas sócio-políticas-educacionais causadoras de uma constante situação de desvantagem desses indivíduos frente à competição escolar (DUBBET, 2004). Pesquisas recentes têm tratado sobre ferramentas para contribuição da inclusão de alunos com deficiência. Cada vez mais surgem novas ideias a serem acrescentadas, procedimentos a serem melhorados e atitudes que podem ser trocadas para o seu aprimoramento. Tal ferramenta é denominada como Plano Educacional Individualizado (PEI), sendo definido como um recurso pedagógico, centrado no aluno, elaborado colaborativamente, que estabelece metas acadêmicas e funcionais aos educandos com deficiência. Ele contempla respostas educacionais fundamentais para o sucesso das ações dos docentes nas salas de aula e ainda se caracteriza como instrumento norteador do ensino e aprendizagem do aluno (PEREIRA, 2014).

Na rede municipal de ensino de Maceió, em seu Plano Municipal de Educação (PME, 2015) uma das metas, compromete-se em “fortalecer o acompanhamento individualizado e o monitoramento do acesso, da permanência e do aproveitamento escolar dos estudantes do ensino fundamental”. Todavia, a realidade mostra ainda o contrário do que se almejou, visto que, em consonância, Ribeiro, Melo e Sella (2017), declaram que existe uma questão chave nesse processo de ensino, tendo visualizado um déficit na formação específica dos professores para o ensino de estudantes com autismo, tendo como reflexos uma ausência de planejamento, materiais e avaliações diferenciados.

Cabe salientar que “os objetivos, os conteúdos, a metodologia utilizada, os procedimentos de ensino e mesmo os instrumentos de avaliação precisam estar associados aos interesses e às necessidades educacionais do aluno” (POKER et al., 2013, p.18). No quis diz respeito ao planejamento e o acompanhamento feito por todos os envolvidos desde a sua elaboração, Pletsch e Glat (2012), afirmam que a aplicação e validação da ficha de acompanhamento feita por esse plano é positiva para acompanhar as trajetórias escolares e o processo de desenvolvimento educacional de alunos com deficiência intelectual, pois a partir disso, novas

estratégias e instrumentos para avaliar e acompanhar o processo educacional de alunos com deficiência intelectual são elaboradas.

De um modo geral, Tannús-Valadão e Mendes (2018) expressam que o Plano Educacional Individual (PEI) pode ser traduzido como uma forma de se produzir documentação ou registro com a finalidade de promover e garantir, como um contrato, a aprendizagem do público alvo da educação especial (PAEE), por meio da ação compartilhada pelas pessoas responsáveis ou que deverão trabalhar com esses estudantes.

O Plano Educacional Individualizado (PEI) é uma forma de gestão do processo inclusivo de alunos público-alvo da educação especial. É um plano elaborado conjuntamente entre professores e pais, em que são avaliadas as potencialidades e necessidades dos estudantes e são organizadas metas anuais de aprendizagem. Esse plano deve ser monitorado e reavaliado periodicamente, pela equipe, realizando as adequações necessárias em estratégias e prazos para o alcance dos objetivos de desenvolvimento do aluno (COSTA E SCHMIDT, 2019, p.103).

No que se refere à busca de aperfeiçoar os conhecimentos sobre como proceder melhor em relação ao ensino e aprendizagem do aluno com TEA e como acontece a sua assimilação dos registros culturais e sociais proporcionados pela escola, é necessário diversificar estratégias, individualizar ensino, usar recursos diferenciados com variadas linguagens, flexibilizar tempo e espaços escolares, rever critérios de avaliação e promoção, são novas aprendizagens docentes, que exigem novas dinâmicas escolares. Notamos então que é um caminho sem volta o fato de sempre ser necessário atualizações no modo como se processa a inclusão escolar dos chamados “alunos especiais” (VIANNA, SILVA E SIQUEIRA, 2011).

Tannús-Valadão e Mendes (2018) elencam que as características do Plano Educacional Individualizado (PEI) é concentrar as intenções do plano nas especificidades da pessoa, e nesse contexto, existem variações nas finalidades do PEI em alguns países. Nessa conjuntura, observa-se que o modelo do planejamento centrado na pessoa pode ter variantes desde o planejamento focalizado, especificamente, no período de vida escolar, até o planejamento com vistas ao processo de desenvolvimento profissional, ou mesmo o planejamento que abrange

além desse desenvolvimento, o ciclo vital da pessoa, a depender de como cada país desenvolve suas políticas públicas inclusivas.

Provocado o abalo no sistema educacional, a inclusão de alunos com TEA desafia até a própria estrutura funcional da escola, por uma mudança cultural e estrutural na instituição, passando a ser repensada, para que as especificidades das necessidades pontuais dos alunos tenham uma organização e a construção de sistemas educacionais inclusivos sejam implementadas visando o atendimento adequado dessa demanda (LIMA et al., 2020).

Poker et al. (2013), enfatizam a relevância da observância do preenchimento do Plano Educacional Individualizado (PEI), nomeado pelo autor como Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), afirmando que este não pode, nem deve ser generalizado, respeitando e compreendendo as necessidades apresentadas pelo estudante. O professor precisa compreender e analisar quais são as especificidades e heterogeneidades de cada aluno, conhecendo-o além da deficiência, conhecendo sua história de vida, sua família, sua forma de aprendizagem, seus interesses, suas habilidades e suas competências.

Costa e Schmidt (2019), nos revelam sobre os diversos posicionamentos referentes aos planos educacionais e indicam que:

Tais posicionamentos podem, ainda, levar à seguinte possibilidade analítica: todo PEI pode ser um PDI (Plano de Desenvolvimento Individual), mas nem todo PDI pode ser um PEI. Não obstante, o PDI pode ser considerado, sem equívoco, como sendo igual ao PAEE (Plano de Atendimento Educacional Especializado), devido às suas particularidades e ao seu nível de atuação, similares ao do PAEE. Nesse sentido, o PDI demonstra as mesmas diferenças e limitações em relação ao PEI. Talvez a diferença mais aguda entre PDI e PAEE seja apenas que este é explicitamente previsto em legislação, enquanto aquele se apresenta de maneira implícita.

Ainda com Costa e Schmidt (2019), além das questões das especificidades dos alunos com TEA outro ponto importante do Plano Educacional Individualizado (PEI), é uma aposta em variações que apresentem respostas significativas, mesmo tendo o mesmo diagnóstico de autismo, esses alunos são acometidos de forma diferente variando assim a intensidade do apoio no aprendizado, gerando no docente a necessidade de se repensar as abordagens pedagógicas e o desprendimento à padronização. Embora o acesso dessa população às instituições

comuns venha paulatinamente crescendo nos últimos anos é necessário compreendermos como vem se desenvolvendo o processo de escolarização desses estudantes (PEREIRA, 2014).

Mascaro (2018) apresenta a análise de Iris (2006) que descreve o Plano Educacional Individualizado (PEI) como um plano escrito desenvolvido para um aluno que foi reconhecido como possuidor de uma dificuldade, sendo esta física, sensorial, intelectual, social, ou qualquer combinação destas dificuldades, a qual dificulta a aprendizagem e resulta na necessidade de um currículo individualizado ou modificado com condições de aprendizagem especialmente adaptadas. Este importante documento de trabalho é o principal instrumento para um planejamento colaborativo entre a escola, os pais do aluno e o aluno, acarretando um processo inclusivo.

Reforçando essa análise conceitual, Lima (2010), expõe que o Plano Educacional Individualizado (PEI) é um instrumento fundamental para o educando, visto que, está centralizado nos processos de aprendizagem extrapolando a esfera do conteúdo formal, abarcando uma avaliação do ambiente, das interações, da socialização e do desenvolvimento educacional de forma ampla, sendo uma ferramenta abrangente. Um ambiente em que os atores educacionais são bem engajados na inclusão e a interação com a família é fluida, isso resulta ganhos bem diferentes de outros locais em que isso não ocorre.

Pacheco et. al (2007), ressaltam que a contribuição direta das pessoas envolvidas com o aluno com autismo é outra característica marcante do Plano Educacional Individualizado (PEI), tendo em vista, as necessidades individuais do aluno como base para a elaboração de um PEI, sendo um esboço dessas necessidades e de como elas devem ser atendidas, bem como a priorização das tarefas e os modos de avaliação. É uma preparação que exige a colaboração de muitas pessoas, ao passo que, na escola especial o professor padece sem essa colaboração, por carência de capacitação, conhecimentos específicos e experiência com vários tipos de deficiência, outrossim, sinalizam a falta de apoio multidisciplinar como um dos maiores desafios.

Dentre as pesquisas feitas sobre o Plano Educacional Individualizado (PEI), não há críticas sobre ele. Como foi elaborado, a sua estrutura, sua aplicação, sua forma de avaliação porque cada professor tem autonomia para modificar o que seja necessário. Cada integrante que compõe o grupo que expõe as particularidades do

aluno contribui para que o seu desenvolvimento seja o melhor possível. Seja a professora, a coordenadora, a direção escolar, os terapeutas, a auxiliar de sala e a família, todos são importantes na preparação do planejamento. As queixas incidem sobre algo que acontece muito antes do contato direto do professor com o aluno com TEA e o seu PEI (PEREIRA, 2014).

A precariedade da formação dos professores e demais agentes educacionais para lidar com esses educandos é apontada como um dos principais desafios. De forma específica, a literatura revela que ao trabalhar diretamente com alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no cotidiano da escola, os docentes são tipicamente invadidos por sentimentos que vão da indiferença à frustração, da exaustão à impotência (PEREIRA, 2014, p. 18).

Pereira (2014) ressalta que diante das especificidades do transtorno autístico e as demandas do modelo inclusivo de escolarização é imperativa a necessidade de ampliar o debate sobre a formação docente ou entendê-la no âmbito das políticas públicas para que o professor não seja culpabilizado. No que tange à avaliação de alunos com déficit cognitivo, ficou evidente nos relatos dos educadores o quanto a concepção de deficiência intelectual ainda é infundida pelo modelo biomédico, com uma visão inerte das possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento desses indivíduos (PLETSCH E GLAT, 2012).

Com isso, podemos compreender a importância do Plano de Educacional Individualizado (PEI), no processo de inclusão de alunos com TEA como sendo um recurso pedagógico bem eficaz. A flexibilidade dos tópicos que o compõe, o registro das peculiaridades do aluno autista, o que se espera que ele alcance, o acompanhamento desse processo, a contribuição das pessoas que o cercam e torcem por ele, a vibração delas no propósito alcançado e a surpresa das intenções superadas.

3. METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa, buscou-se compreender como se procede o planejamento escolar dos professores que atuam em sala de aula regular com relação ao aluno com autismo. Procurou-se verificar se fazem o uso do Plano Educacional Individualizado (PEI) que apesar de não ser legalmente obrigatório,

está sendo amplamente sugerido e incentivado, como discutido na literatura por diversos autores.

3.1 Tipo da Pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo misto (quantitativo e qualitativo) realizado de maneira transversal, que intencionou levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população, para se descobrir a existência de associações entre variáveis. A pesquisa descritiva, juntamente com as exploratórias, são as que os pesquisadores, habitualmente, utilizam para levantar informações sociais e preocupações com a atuação prática (Gil, 2002). A presente pesquisa, buscou investigar a relação entre o grau de formação acadêmica dos participantes, com sua atitude em sala de aula e sua forma de planejar a vida escolar do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

3.2 Abordagem da Pesquisa

A abordagem feita foi do tipo mista, tendo sido utilizado um questionário através do aplicativo de gerenciamento de pesquisa, Formulário Google (*Google Forms*) para se obter as informações e relatos dos participantes. Tal abordagem escolhida foi devido a praticidade do uso e manuseio por parte do participante, além da facilidade em divulgação, podendo ser usado por celular, *notebook* ou computador.

3.3 Local da Pesquisa

O local escolhido para realização da pesquisa foi a Rede Municipal de Educação de Maceió, por ser a provedora da educação do ensino fundamental dos anos iniciais, nos quais se encontram um número relativo de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tendo em vista, o incentivo por meio de médicos, terapeutas, e outros profissionais na inclusão de crianças com autismo na escola desde cedo, faz-se necessário relatar a importância visando proporcionar convívio social e estímulos dos mais diversos, os quais irão contribuir consideravelmente para o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo desses estudantes.

3.4 Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa foram professores da Educação Básica que atuam na rede municipal de Maceió, totalizando 24 professores, sendo vinte (20) pessoas do sexo feminino e quatro (4) do sexo masculino, que atuam entre o 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. O universo da pesquisa foi determinado pelo número de escolas municipais, ao todo noventa e duas (92), com a intenção de atingir ao mínimo 20% de profissionais, o que totalizariam em média 18 profissionais, contudo, o público alcançado foi de 26% de educadores.

3.5 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário (apêndice A) elaborado com perguntas baseadas em informações obtidas através da literatura científica mencionada no corpo desse estudo, em que descreve sobre o Plano Educacional Individualizado (PEI) e planejamento escolar. Foram elaboradas trinta e quatro (34) questões, sendo três (3) abertas e trinta e uma (31) fechadas com múltipla escolha, acerca de: caracterização e formação dos professores, quantitativo e perfil dos estudantes, habilidades e repertório dos aprendizes, conhecimentos sobre o PEI, frequência de oportunidades de planejamento e compartilhamento das ações educativas individualizadas. Foi necessário elaborar alternativas para facilitar a participação dos professores, visto que, não se engajam facilmente em pesquisas voluntariamente caso sejam extensas ou demoradas.

O primeiro momento da divulgação da pesquisa foi via aplicativo de mensagens instantâneas na espera de que fosse atingido um grande número de professores e uma ampla participação. Devido a pouca adesão, foi necessário obter junto à Secretaria Municipal de Educação (SEMED), através de requerimento (apêndice B) devidamente assinado e autorizado, a lista completa dos e-mails das escolas municipais para uma maior divulgação e fornecido também, a lista completa dos telefones das mesmas.

Para cada escola foi enviado, um primeiro e-mail, apresentando a pesquisa e solicitando a participação e compartilhamento. Após uma semana de espera, houve outro reforço e um reenvio de e-mails, aproveitando para agradecer aos que responderam ao primeiro e-mail e principalmente aos que participaram da pesquisa. Ainda não atingido o número suficiente de participantes, após quinze dias foi feita uma “sessão de *telemarketing*” para se conversar por telefone com os responsáveis

e administradores dos grupos de WhatsApp das escolas para que divulgassem e incentivassem os professores a responderem a pesquisa.

Depois disso, obteve-se o percentual de 26% das escolas municipais de Maceió, alvos desta pesquisa. Isto porque tornou-se inviável o deslocamento físico às escolas, devido ao pouco tempo disponível por motivo da interferência da pandemia pelo COVID-19 que afetou a população mundial com restrições sociais e sanitárias. Dessa forma, não foi possível realizar entrevistas pessoalmente aos professores, bem como um aprofundamento na investigação de suas práticas e concepções.

3.6 Análise do Conteúdo

A Análise do Conteúdo foi elaborada por meio das informações obtidas no próprio resumo do Formulário Google e dessas mesmas disponibilizadas em uma planilha do Planilhas Google, pelos quais foram adquiridos e gerados alguns gráficos. Segundo Berelson (1984) “a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa”. Através dos dados foi possível elaborar manualmente algumas tabelas e quadros para facilitar a compreensão dos resultados, visto que são dados primários. Foi realizada a interpretação dos dados, relacionando-os com os autores especialistas no assunto sobre o Plano Educacional Individualizado (PEI).

3.7 Limites da Pesquisa

3.7.1 Cumprimentos dos Objetivos

No capítulo Resultados e Discussões estão descritos como foram alcançados e justificados os objetivos específicos do projeto de pesquisa. Entretanto, não foi possível registrar as estratégias adotadas pela escola para suprir a ausência do PEI, caso este ainda não tenha sido implementado, visto que, não foi possível cumprir esse quarto objetivo devido à falta de tempo e financiamento para logística suficiente para atingi-lo.

3.7.2 Resultados Diferentes

Com relação aos resultados obtidos, eles são naturais. Não ocorreu uma expectativa específica. A maior expectativa ansiada foi um engajamento de

participação massiva dos professores, o que não ocorreu e isso foi deveras decepcionante. Eles são restritos aos exercícios, tarefas e trabalhos da profissão e foi raro encontrar os que quiseram responder o questionário e mais ainda os que retornaram contato de alguma forma interagindo.

3.7.3 Prazos

A pesquisa teria resultados mais interessantes se houvesse tempo e financiamento para se fazer entrevistas pessoalmente dentro das escolas para que fosse possível ao participante expor explicações de conduções dos planejamentos, as concepções deles, as perspectivas acerca da inclusão de alunos com TEA. Quais suas resistências para não utilizarem o PEI entre tantos outros assuntos. Em pesquisas futuras, após o preenchimento e envio do formulário, seria ideal uma conversa do pesquisador com o participante sobre as respostas emitidas por ele.

3.7.4 População e Amostra

A população pretendida seria os 5.545 docentes do ensino fundamental de Maceió (IBGE, 2020), ou seja, uma amostra de 1.109 professores (20%) como participantes. Como a adesão à participação foi pouca e houve necessidade de bastante insistência para que respondessem ao questionário, mudou-se para uma população de 92 escolas sendo 24 participantes, 26% obtidas, que são representantes delas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do embasamento teórico e os dados coletados, os resultados e análises das respostas obtidas estão descritas abaixo. Algumas foram incluídas em tabelas, gráficos, quadros e outras interpretadas e comparadas com a literatura especializada.

TABELA 1 - **Caracterização dos Participantes/Professores.**

PARTICIPANTES	
Mulheres	20
Homens	4
Idade dos participantes	Entre 28 a 59 anos

Total de participantes: 24	
FORMAÇÃO DOS PARTICIPANTES	
Pedagogia	13
Geografia	3
Letras Português	2
Letras Francês	1
Filosofia	1
História	1
Artes	1
Ensino Médio (Magistério)	2
TEMPO QUE LECIONAM	
Média de tempo	20 anos
Maior tempo	27 anos
Menor tempo	3 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

Um aspecto relevante evidenciado nos estudos sobre a inclusão de estudantes com autismo é a importância de conhecimento teórico dos professores que utilizem conhecimentos e experiências que possam prepará-los para esse desafio. Há uma “reclamação” constante de que os cursos de pedagogia são deficitários, e pode-se citar como exemplo evidente nas universidades a inclusão apenas de uma disciplina voltada à Educação Especial em sua grade curricular. Com isso, naturalmente acontece um empenho individual do educador em se especializar ao se deparar com as dificuldades em sala de aula, ou até mesmo antes disso, pois como ressalta Frias (2008/2009) a inclusão dos alunos que possuem necessidades educacionais especiais no ensino regular não se estabeleceu da forma desejada, a proposta de educação atual até então não oferece nem garante condições satisfatórias para ser considerada efetivamente inclusiva.

Abaixo, segue tabela com as especializações que os professores participantes da pesquisa possuem.

TABELA 2 - Especializações dos Participantes

ESPECIALIZAÇÃO DOS PROFESSORES	PROFESSORES/PARTICIPANTES
Neuropsicologia	1
Neuropsicopedagogia	1
Psicopedagogia	7
Outras especializações	15

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme mostra a tabela, menos da metade dos participantes da pesquisa (37%) cursaram formação complementar vinculada à Educação Especial. Enquanto 63% ingressaram em outras especializações não relacionadas à inclusão escolar. Algumas são: Coordenação, Gestão Educacional e Inspeção; Filosofia e Educação, Reabilitação cardíaca para grupos especiais; Gestão e Organização da Escola; Literatura Brasileira.

Em compensação, todos afirmaram participar das formações continuadas promovidas pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Constatada a necessidade de aprimoramento e até mesmo compreensão em como lidar com alunos com autismo. Porém, mesmo com esses esforços, Pletsch e Glat (2012) tecem críticas quando afirmam que mesmo diante dos avanços científicos e da solidificação de políticas públicas seguindo os fundamentos da educação inclusiva, as práticas pedagógicas e a cultura escolar que se observa habitualmente nas instituições públicas de ensino não sofreram ressignificação. Necessário saber como fazer isso e providenciar com uma certa urgência.

Dos alunos dos professores citados, vinte (20) são do sexo masculino e quatro (4) são do sexo feminino. A seguir, foi elaborada uma tabela com a relação de suas idades e séries para verificar se há defasagem na série.

TABELA 3 - Relação de idades, séries e a diferença (em anos) dos estudantes

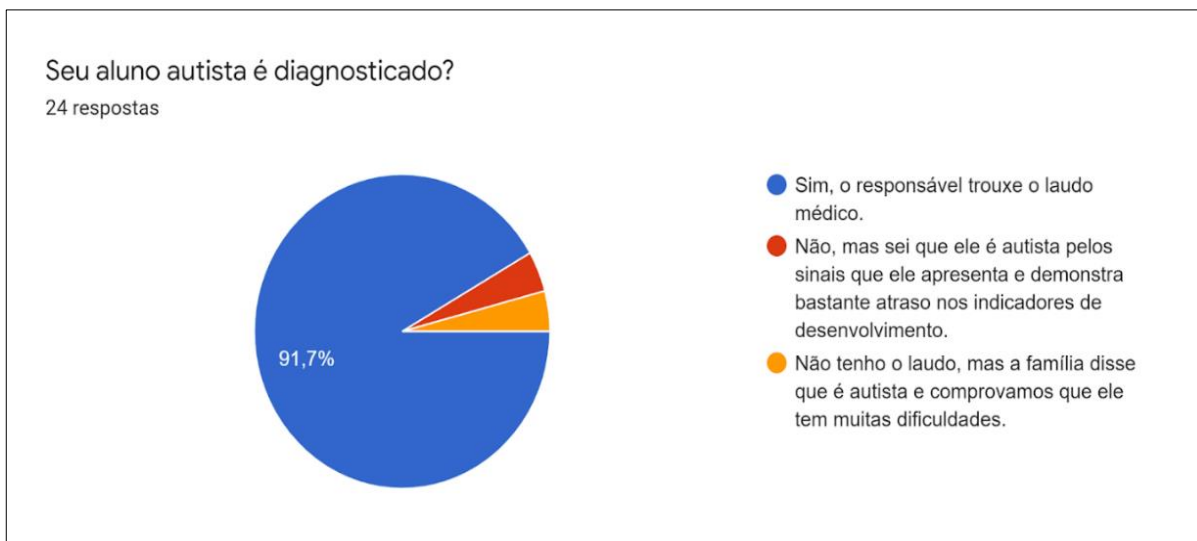
ALUNOS/QUANT.	IDADE	SÉRIE	DIFERENÇA
1	6	1º ano	—
3	7	1º ano	1

1	7	2º ano	—
2	8	2º ano	1
1	9	2º ano	2
1	9	3º ano	1
1	10	3º ano	2
1	10	4º ano	1
1	10	5º ano	—
1	11	2º ano	4
2	12	5º ano	2
1	12	6º ano	1
1	13	8º ano	—
1	15	2º ano (EJA)	8
2	15	8º ano	2
1	15	9º ano	1
1	16	5º ano (EJA)	6
1	17	3º ano (MÉDIO)	—
1	18	3º ano (MÉDIO)	1

Fonte: Elaborado pela autora

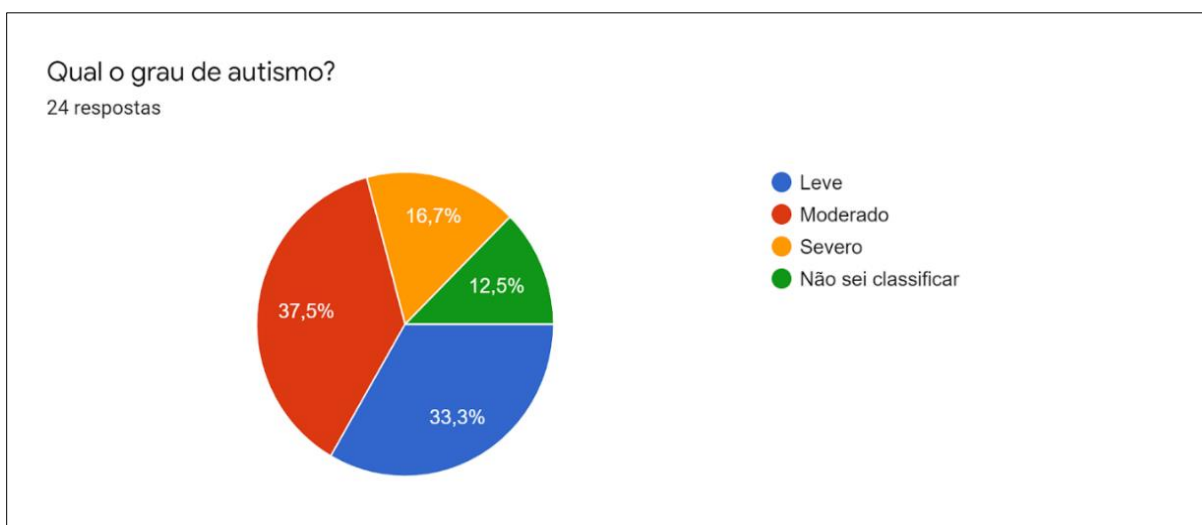
O quadro acima demonstra que apenas cinco alunos encontram-se em série condizente com a idade. Percebemos então a realidade de que as políticas públicas garantem o acesso da pessoa com deficiência à escola, porém não garante a sua inclusão no universo do conhecimento. Mesmo com o sistema de progressão continuada, o aluno com TEA avança de série, mas sem aprender. Se for descoberto como ele aprende, será possível ensiná-lo. Deve-se testar diversas metodologias para essa descoberta. O PEI não diz como o aluno aprende, mas auxilia nessa revelação. Por isso tão necessária a articulação da escola com a família e terapeutas, principalmente o próprio aluno indicar como ele assimila os conteúdos. Se faz a coleta de como ele aprende para depois se planejar como ensinar.

Gráfico 1 – Diagnósticos dos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora

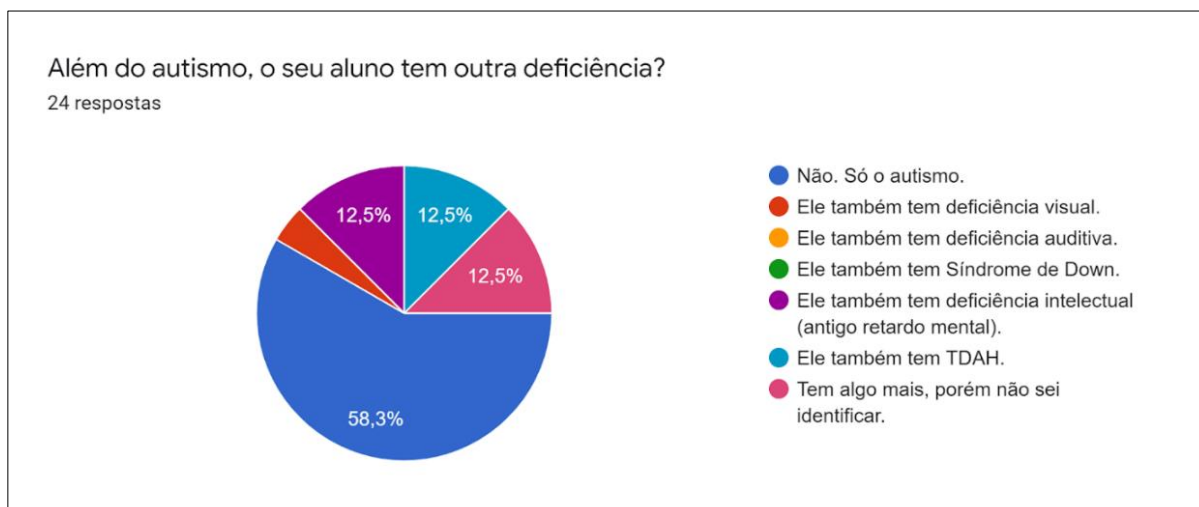
Gráfico 2 – Graus de autismo dos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora

Para elaboração de um Plano Educacional Individualizado (PEI) é necessário que o professor saiba qual a deficiência do seu aluno, quais as características, quais áreas são afetadas, entre outras informações importantes. Devido a isso, a intencionalidade na elaboração (pela autora) desses gráficos advindos dos questionamentos feitos sobre o diagnóstico dos alunos, os graus do autismo dos alunos e outras deficiências concomitantes com o autismo.

Gráfico 3 – Outras deficiências concomitantes com o autismo.



Fonte: Elaborado pela autora

Foi realizado um levantamento sobre os comportamentos dos alunos com TEA em sala de aula. As respostas foram distribuídas em quadros, abordando a quantidade de respostas para cada afirmativa relatada pelo profissional. No quadro 1 aborda sobre a comunicação do aluno, no quadro 2 aborda sobre os movimentos do aluno e no quadro 3 aborda sobre a interação do aluno. Foram acrescentadas algumas informações tendo como “respostas obtidas pelos participantes (*)”.

QUADRO 1 - Sobre a Comunicação do Aluno Autista

REFERENCIAIS/OPÇÕES	QUANTIDADE
Ele fala bem e demonstra entender bem os assuntos e o que falamos.	11
Ele fala, mas algumas coisas são fora do contexto, ou seja, tem a fala, mas sem funcionalidade.	7
Ele fica o tempo todo repetindo algumas palavras ou frases.	2
Ele não fala, mas entende o que dizemos e realiza as tarefas.	1
Ele não fala. Emite alguns sons e parece não entender nada. Precisa sempre de ajuda para realizar alguma coisa ou nem realiza.	3

Fonte: Elaborado pela autora.

QUADRO 2 - Sobre os Movimentos do Aluno Autista

REFERENCIAIS/OPÇÕES	QUANTIDADE
Ele consegue ficar sentado tranquilo.	8
Ele fica boa parte do tempo sentado, mas de vez em quando levanta e anda pela sala.	11
Ele quase não fica sentado, preciso falar o tempo todo para sentar e ele também faz muitas estereotípias.	2
A Auxiliar precisa sentar ao lado dele e segurar as vezes para ele não sair da cadeira.	2
*Ele praticamente não fica sentado.	1

Fonte: Elaborado pela autora.

QUADRO 3 - Sobre a Interação do Aluno Autista

REFERENCIAIS/OPÇÕES	QUANTIDADE
Como o grau dele é leve, a interação é muito boa. Ele brinca e interage.	11
Ele interage pouco. Fica mais tempo quieto em um canto no intervalo.	9
Ele só interage com a Auxiliar de Sala.	1
Ele parece ficar no próprio mundo, pois não interage com ninguém.	1
*O grau dele é moderado, mas a interação dele é boa.	1
*Aluno severo, só interage olhando livros que pega aos montes.	1

Fonte: Elaborado pela autora.

(*) Respostas obtidas pelos participantes

Foi elaborada uma pergunta no Formulário de pesquisa em que se questionou: Você utiliza o Plano Educacional Individualizado (PEI)? Sugeriu-se algumas respostas e as escolhas foram as seguintes:

Tabela 4 - Demonstração do uso do PEI.

RESPOSTAS	(dos 24 participantes)	% equivalente
Sim. Recebi da Coordenadora Pedagógica	5	21
Sim. Recebi da Psicopedagoga da Sala de Recursos	3	12
Eu mesma(o) pesquisei na internet e imprimi	4	17
Não utilizo o PEI	12	50

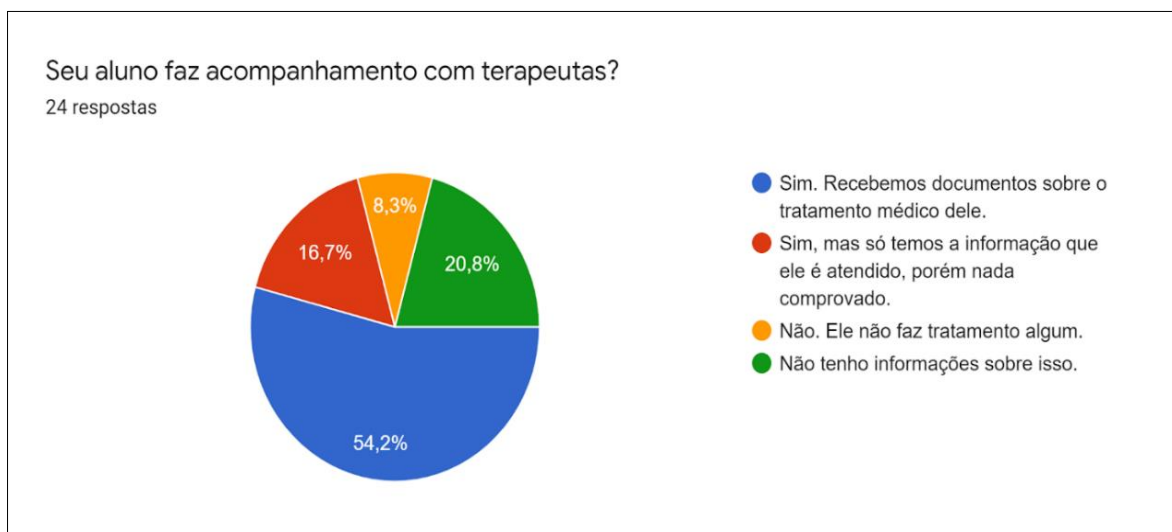
Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 12 professores participantes que utilizam o PEI, seis deles alegam fazer uso dele sozinho. Quatro, pelo menos, se reúnem com a Coordenadora Pedagógica para discutir sobre ele e apenas dois (16%) disseram que acontece a reunião formal com a direção, a coordenação e a família para elaboração do PEI. Em contrapartida, Mascaro (2018, p.15) critica essa elaboração individual ou mesmo em dupla, visto que “este planejamento deve ser realizado em colaboração com diferentes atores da escola: professores do ensino comum, professores especialistas, profissionais de apoio da escola, familiares e o próprio aluno (quando for possível)”.

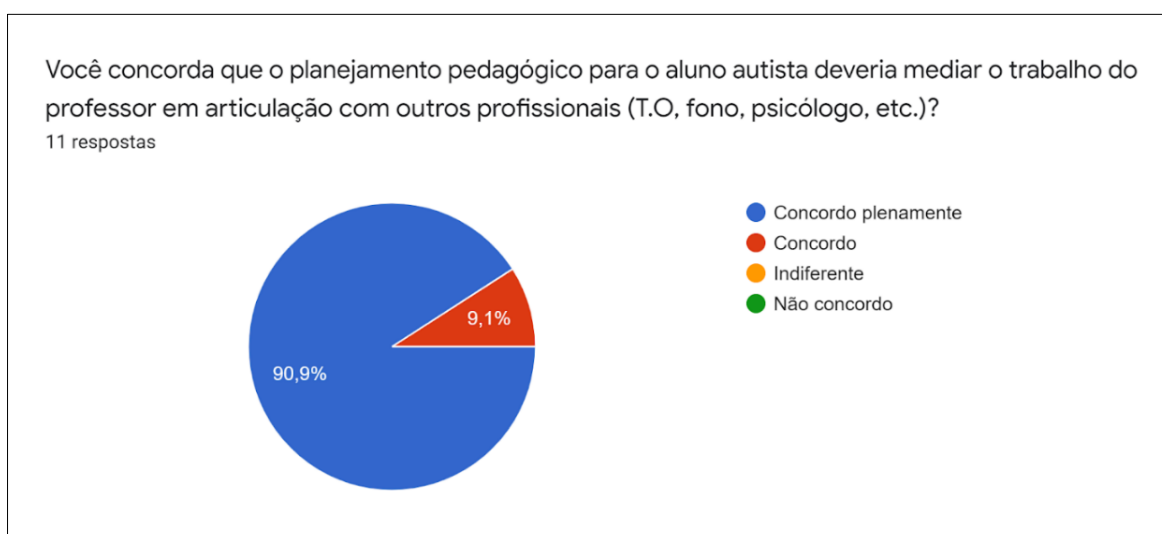
Ainda sobre o fato intrigante de se elaborar o Plano Educacional Individualizado (PEI) sem as pessoas acima citadas, Tannús-Valadão; Mendes, (2018) enfatizam que o PEI é um documento de uso coletivo e igualitário que promove consideração às várias partes envolvidas, não equivale a uma mera formalidade para atendimento às leis, sendo uma ferramenta considerada singular e centrada na pessoa, que visa garantir a todos os alunos a aprendizagem mesmo aos que estão inseridos no currículo padrão e não conseguiram. Contribuindo, também, para orientação do processo de aprendizagem, dando ao professor uma direção, reduzindo a ansiedade que implica a inclusão.

Podemos imaginar o quão difícil deve ser para um professor fazer um PEI para o aluno com TEA se esse educador não dialoga com os outros profissionais que tratam dessa pessoa com deficiência. Nesse aspecto, Goran et al., (2020) ressaltam que a construção do PEI não deve ser elaborado por um único profissional, para acompanhar o desenvolvimento do aluno é imprescindível as esferas da escola e profissionais que trabalham na estimulação deste estudante contribuírem na elaboração e avaliação do PEI e concentrar-se nos mesmos objetivos propostos nele.

Foi investigado se os professores participantes da pesquisa tinham conhecimentos sobre o acompanhamento terapêutico dos alunos e articulação do trabalho do professor com os terapeutas do aluno. A seguir, são demonstrados através de gráficos as respostas obtidas, de tais questionamentos relatados acima:

Gráfico 4 – Acompanhamento terapêutico dos alunos

Fonte: Elaborado pela autora

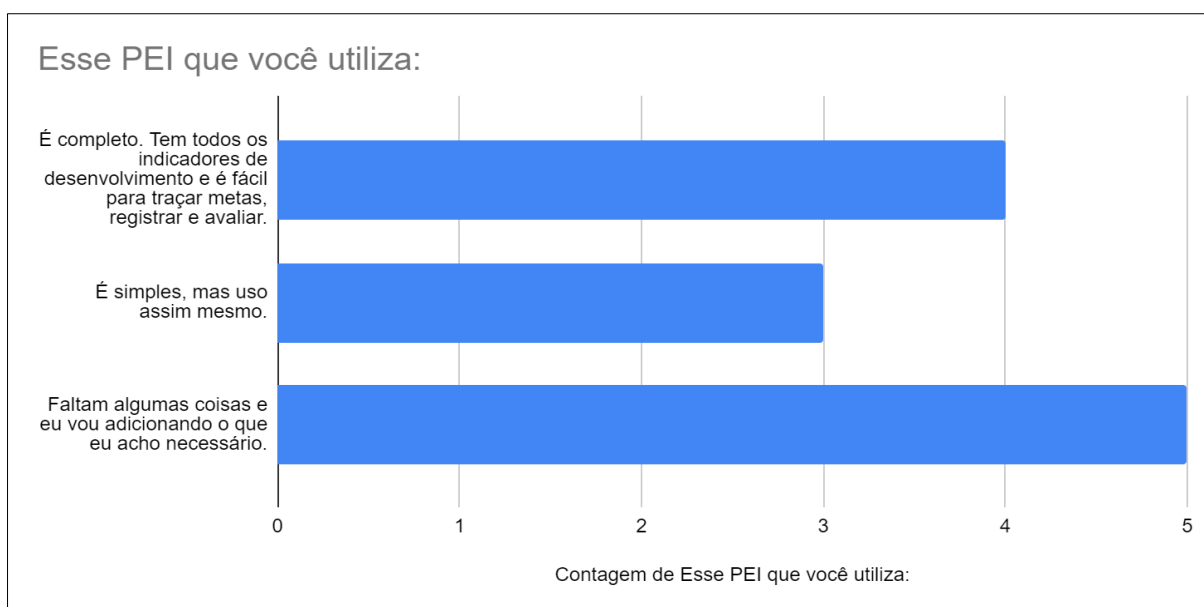
Gráfico 5 – Articulação do trabalho do professor com os terapeutas do aluno.

Fonte: Elaborado pela autora

Apesar de concordarem, apenas dois participantes indicaram que existe essa interação com os outros profissionais que lidam com o aluno autista. Atualmente, existe uma grande facilidade de se propor reuniões, inclusive *online*, para um diálogo e um planejamento do Plano Educacional Individualizado (PEI), quando não há possibilidade de se deslocar da clínica para a escola. Glat, Vianna e Redig, (2012) relatam que os participantes de sua pesquisa, também, qualificam a elaboração e implementação do PEI como um obstáculo, confirmando que o PEI

desenvolvido pelas professoras não apresentam informações suficientes para o desenvolvimento em classe. Conforme o gráfico abaixo, dos 50% dos participantes que utilizam o PEI, observamos que as opções escolhidas demonstram um planejamento “arranjado” seguindo um modelo pronto, com um uso formal do documento.

Gráfico 6 – Demonstrativo dos argumentos por quem utiliza o PEI.



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico acima, o objetivo foi demonstrar os argumentos por quem utiliza o PEI na rede municipal de ensino, como ele é elaborado e utilizado. Como resultado, quatro (4) profissionais relataram ser uma ferramenta completa e que têm todos os indicadores de desenvolvimento e é fácil para traçar metas, registrar e avaliar. Três (3) profissionais relataram ter um modelo simples e que mesmo assim o utiliza. E cinco (5) profissionais expressaram insatisfação abordando faltar algumas coisas e que vão adicionando informações que acham necessárias.

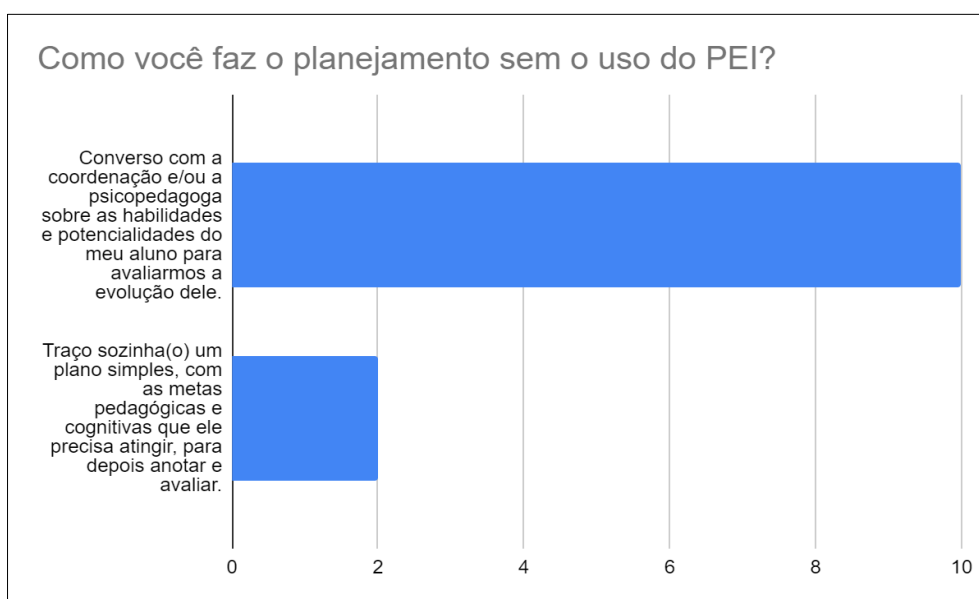
Mascaro (2018) nos apresenta que no contexto brasileiro, como base legal para a aplicação de uma proposta como o PEI, apontamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, que no Artigo 59 preconiza que “os sistemas de ensino assegurarão ao educando com necessidades especiais,

currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades” (BRASIL, 1996).

Reforçando isso, Oliveira (2020) expõe a Resolução nº 4/2009 das Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica que garante o Atendimento Educacional Individualizado a todos os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e os com altas habilidades/superdotação, tendo como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas singularidades (BRASIL, 2009).

Em uma segunda seção da pesquisa, questionamos aos professores como é realizado o planejamento sem o uso do PEI. No Gráfico abaixo são demonstrados os resultados sobre os argumentos dos professores que não utilizam o PEI.

Gráfico: 7 – Argumentos dos professores que não utilizam o PEI.



Fonte: Elaborado pela autora

50% dos participantes não utilizam o PEI, no gráfico acima, dez (10) profissionais relataram que o planejamento é realizado através de uma conversa com a coordenação e/ou a psicopedagoga sobre as habilidades e potencialidades do aluno, a fim de avaliar a evolução do mesmo. Dois (2) profissionais disseram traçar sozinho um plano simples com as metas pedagógicas e cognitivas que ele precisa atingir e posteriormente anotar e avaliar a evolução do aluno.

Barbosa (2018) avaliou os desafios apresentados pelos professores na inclusão de estudantes com TEA e observou o distanciamento do trabalho realizado pela professora titular e pela professora do AEE, no qual não há uma troca de ideias, estratégias e atividades que possam ser utilizadas nos dois contextos para melhorar o processo de ensino e aprendizagem com aluno com autismo. Tal pesquisa contou com a participação da professora de sala de aula, professora do AEE, acompanhante especializada e coordenadora pedagógica, e profissionais que tinham uma relação com o estudante com TEA. O resultado dessa pesquisa demonstra o que pode se apresentar como uma dificuldade para a elaboração colaborativa do PEI.

Nos quadros abaixo serão elencadas as opções as quais os professores escolhem para elaboração do plano de ensino quando não utilizam o PEI. Dentre os 12 que não utilizam o PEI, escolheram as opções:

Quadro 4 – Opções escolhidas pelos participantes que não usam o PEI.

QUESTÃO: Não faço um plano individualizado, mas	
OPÇÕES	PARTICIPANTES
Converso sempre com a mãe (ou responsável) para saber as preferências dele para adaptar as tarefas.	3
Espero que a coordenadora e/ou psicopedagoga me entregue o que elas consideram importante para o meu aluno atingir.	4
Acho importante que o meu aluno esteja na sala de aula, pois qualquer coisa que ele aprende, já é de grande valia mesmo sem um PEI.	5

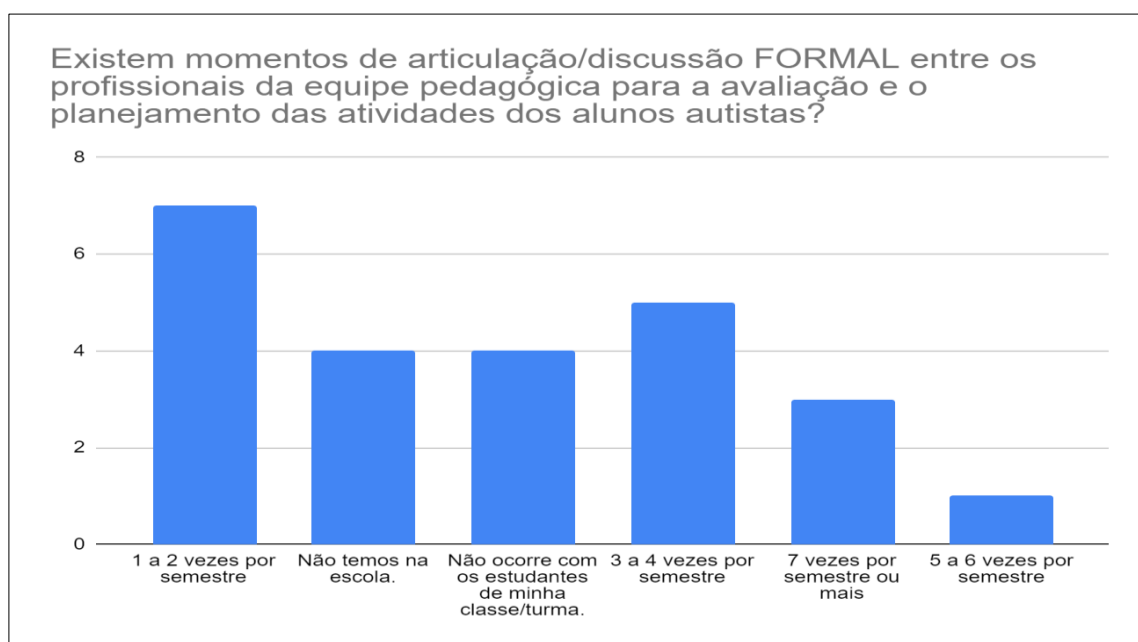
Fonte: Elaborado pela autora

Verifica-se que, como ainda não há imposição legislativa para o uso do PEI e no Brasil o processo educacional funciona dessa forma, de acordo com os dados coletados, uma porcentagem de educadores da Educação Municipal de Maceió realiza o planejamento da vida escolar do aluno com deficiência, amparados nas informações fornecidas pela equipe escolar, a família ou elabora sozinho. Nesse contexto, Pletsch e Glat (2012, p. 199) alegam que “as práticas pedagógicas e as atividades acadêmicas que ocorrem em classes regulares não sofrem qualquer transformação ou adaptação para atender às necessidades educacionais específicas desses alunos”.

Mascaro (2018) corrobora e indica que de acordo com os fundamentos do processo de inclusão, faz-se necessário ao desenvolvimento do aluno, avaliar o que foi proposto para si, sem comparação em relação aos seus colegas de turma. Tal proposta da inclusão permite que façamos alterações tornando flexível o currículo, isto é, o conteúdo ensinado para determinado aluno, compreendendo que a avaliação aplicada não pode ser a mesma que os demais alunos. Devido a forma peculiar de aprender do estudante com autismo, um PEI para um aluno com TEA será diferente até mesmo para outro aluno que também tem autismo.

Buscou-se verificar sobre a frequência de reunião da equipe pedagógica. A seguir, serão demonstrados, em gráfico, os dados coletados.

Gráfico 8 – Demonstrativo da frequência de reunião da equipe pedagógica.



No gráfico podemos observar que os momentos de articulação/discussão formal entre os profissionais da equipe pedagógica, para avaliação e planejamento das atividades dos alunos com TEA apresentam, pela maioria dos profissionais questionados, uma baixa frequência, sendo de uma a duas vezes por semestre. Em contra partida, entre 4 a 5 profissionais relataram que ocorre entre 3 a 4 vezes por semestre. Outros 4 profissionais relataram não haver reunião de planejamento na escola e que não ocorre com os estudantes da turma em que leciona. Um

profissional relata haver reunião pedagógica de planejamento de 5 a 6 vezes por semestre. E três profissionais relatam que ocorrem 7 vezes por semestre ou mais. Tais dados corroboram para um índice baixo de reuniões de planejamento pedagógico voltadas para a elaboração de um plano educacional para deficientes. Essa frequência com que os professores se reúnem para avaliar e planejar as atividades dos alunos com TEA é bem escassa, o que contribui um déficit na inclusão escolar desses estudantes.

Costa e Oliveira, (2019) fazem questionamentos sobre a realidade da inclusão dos alunos com deficiência nas escolas do Brasil e citam, como metáfora que é uma “cortina de fumaça” visando ultrapassar esta barreira, indicam condutas para dar visibilidade desta realidade bloqueada, estando relacionada a culpabilização do aluno pela deficiência, ela vem fundamentada por um currículo padrão para todos os alunos, que desconsidera as diferenças, com isso, quando o aluno não aprende, atribui-se a culpa disso à sua deficiência.

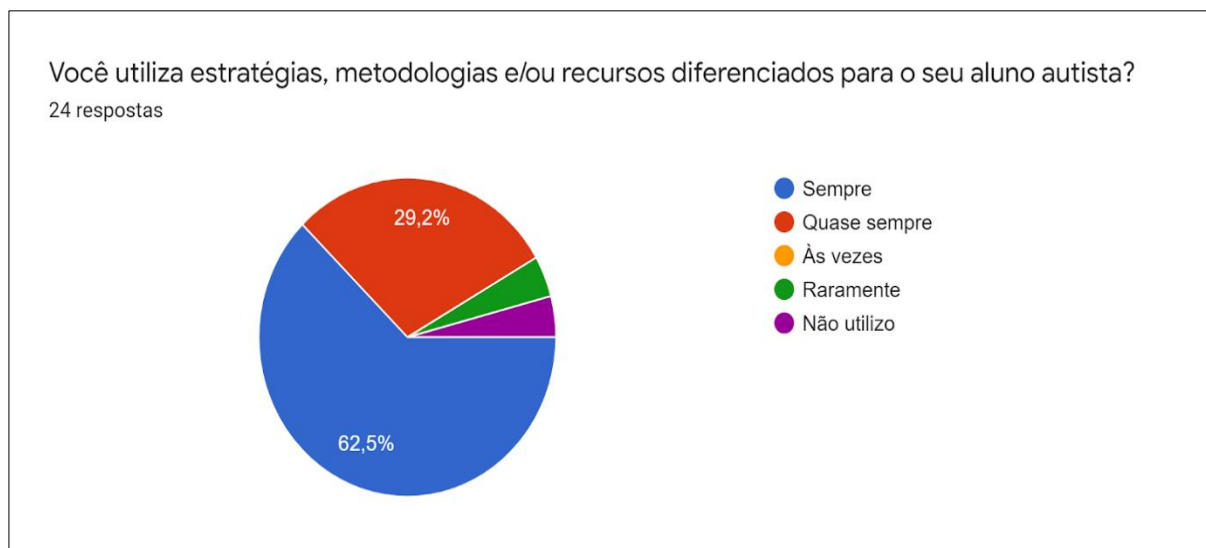
A necessidade de repensar a forma de ensinar e aprender na realidade escolar atual consideram o PEI uma proposta que possibilita um olhar mais apurado para o aluno, os professores precisam rever a ideia de utilizar uma única metodologia de ensino na sala, mesmo nas turmas que parecem ser as mais homogêneas (OLIVEIRA, 2020, apud REDIG, MASCARO E DUTRA, 2017).

Uma relevante característica do PEI, além de ser um planejamento coletivo é o registro das peculiaridades das necessidades e das habilidades do aluno com TEA. A interação do professor da sala regular com a família é um importante fator desse processo. Pois ela pode fornecer informações valiosas sobre as preferências do aluno e diversas coisas podem ser adaptada para as atividades pedagógicas como por exemplo: personagens de desenhos animados nas tarefas escolares, etc.

O trabalho, no princípio da inclusão, requer que as propostas pedagógicas sejam centradas no aluno, ou seja, a escola precisa flexibilizar o modo de ensinar para que todos os alunos construam conhecimentos. Silva e Camargo (2021) enfatizam que a escola deve inserir seus estudantes de acordo com suas especificidades, avaliando suas habilidades, suas capacidades e tornando a sala de aula um lugar de todos, de construção de saber e equidade de ensino. A equidade de ensino difere-se da igualdade, pois está intimamente ligada às oportunidades que o aluno recebe para se desenvolver de acordo com suas características e

necessidades de aprendizagem. Diante disso, buscou-se entender como é o processo de ensino com alunos com TEA. A seguir, o gráfico aborda:

Gráfico: 9 – Sobre o uso de metodologia adaptada para o aluno autista.



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os dados obtidos, sobre a utilização de estratégias, metodologias e/ou recursos diferenciados para o ensino do aluno com TEA, 65,5% relataram que sempre faz uso diferenciado e 29,2% quase sempre. Com essas respostas, observamos esse fator importante no processo de aprendizagem de estudantes com autismo que é o uso de recursos diferenciados. Mascaro (2018) salienta que a escola atual pressupõe uma pedagogia que se empenhe com o processo de ensino e aprendizagem, observando as especificidades dos alunos para promover a autonomia intelectual dos mesmos.

A Inclusão Escolar em nossa cidade tem esse recorte: profissionais que aceitam o desafio e apostam na possibilidade da aprendizagem. Se sensibilizam com as dificuldades e se dispõem a colaborar. São auto motivados a procurar novas metodologias e se encantam com os desafios da inclusão de alunos com TEA.

A pergunta a seguir, foi uma das questões abertas da pesquisa que indagamos aos participantes:

Qual sua concepção sobre avaliação do ensino-aprendizagem? Quais processos ou conceitos você utiliza no seu planejamento pedagógico? Adota alguma teoria ou teórico em particular?

“O processo de ensino-aprendizagem precisa ser dinâmico e desafiador tanto para o educador quanto para o educando. No planejamento uso primeiro a avaliação diagnóstica onde avalio as áreas que possui mais dificuldades, áreas de super focos, estímulos que podem ser utilizados além de áreas do desenvolvimento cognitivo e motor de cada criança que pode ser desenvolvido. Teórico específico não, mas sempre busco focar nas áreas que desenvolvam habilidades de autocuidado, autonomia entre outros” (Professora/Neuropsicopedagoga).

“A avaliação do ensino-aprendizagem ainda é muito quantitativa. Tento mesclar minha prática com teóricos que me ajudam a compreender e me auxiliam em meus pensamentos e em meus planejamentos. Tento partir de onde há aprendizagem emergindo” (Professora/Psicopedagoga).

“Primeiro analiso o nível de autismo que o aluno tem, após isso começo a adaptar e desenvolver atividades que perceba o interesse e retorno do aluno. Metodologias diversas, pois cada realidade exige uma adaptação na prática” (Professor de Filosofia).

“Meu planejamento parte do princípio de que, cada estudante tem sua história, seu ritmo de aprendizagem e necessidades diferentes” (Professora de Português).

O resultado desta pesquisa foi a compreensão de que a depender da qualificação do professor, ele pode ter uma inclinação a se aprofundar mais em ferramentas e metodologias que amparam melhor sua prática pedagógica na inclusão do estudante com autismo. Outro ponto evidenciado é a necessidade de demonstração das vantagens e o incentivo do uso dessa forma de planejamento pelos professores da sala de aula regular. Percebeu-se então a carência de significativa divulgação sobre o PEI. Neste sentido, o estudo pretende encorajar aos pesquisadores, futuras investigações dos procedimentos da elaboração do PEI, principalmente concernente a uma melhor articulação entre a família do aluno com TEA, os educadores e os terapeutas envolvidos, assim como quais empecilhos para sua implementação e as possíveis soluções.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu entender o uso do Plano Educacional Individualizado (PEI), pelos professores nas salas de aula regular do ensino básico de escolas municipais de Maceió, para apresentar à sociedade, a prática pedagógica relacionada a ele que ocorreu nesses últimos dez anos a partir de uma pesquisa descritiva feita de maneira transversal. Para se atingir a uma compreensão sobre o uso do PEI, definiu-se quatro objetivos específicos. O primeiro foi saber se há uma legislação específica sobre o PEI. Verificou-se então que a rede municipal segue a legislação nacional não havendo leis específicas para a utilização dele, apenas recomendações generalizadas para um ensino personalizado e individualizado.

O segundo foi observar se há diferenciação entre o PEI ou outro planejamento pedagógico substituto a ele, e a análise permitiu perceber que existem adaptações de planejamento, execução e avaliação, mas não se segue exatamente os preceitos do PEI. O terceiro seria registrar as estratégias adotadas pela escola para suprir a ausência do PEI, porém, devido à falta de tempo e financiamento não foi possível ser cumprido. O último foi comparar o que está descrito como o PEI deve ser operacionalizado com as alternativas e procedimentos utilizados pelos professores da sala de aula regular e verificou-se que existe a intenção que haja a implementação, entretanto falta conhecimento aprofundado sobre ele e empenho dos diversos atores responsáveis pela inclusão para que isso aconteça de fato.

Formulários e Planilhas Google foram os instrumentos de coleta de dados utilizados, os quais permitiram uma facilidade na aquisição das respostas dos participantes e uma agilidade notável ao entregar os dados em planilhas e gráficos prontos. Em pesquisas futuras pode-se averiguar inúmeros aspectos que despertaram curiosidade no processo desse estudo que estão relacionados com a dinâmica da elaboração do PEI, como participa cada integrante, como se reúnem, quais metas comumente almejam. No caso dos alunos que são beneficiados com o PEI comparar a um grupo em número igual que não faz uso e comparar os resultados. Quais são as maiores dificuldades dos professores em elaborar e utilizar o PEI. Como facilitar a articulação dos integrantes que elaboram o plano: professores, coordenadores, terapeutas e família.

Os resultados demonstram uma necessidade da política pública educacional dedicada ao tema, demonstrar os benefícios obtidos quando ele é posto em prática e sua validade científica. Percebeu-se o desconhecimento de muitos professores sobre as vantagens que é um plano educacional exclusivo para o aluno com autismo, a interação das pessoas que lidam com ele nos outros setores da vida social em uma colaboração conjunta na elaboração de metas que ele pode atingir. O acompanhamento, o registro e a avaliação para se propor novas metas. A impressão que ficou é que está disponível para a escola, uma ferramenta sem custo financeiro, de fácil operação, abrangente ao abarcar as principais pessoas de convívio com o aluno com TEA e que ainda não se percebeu o quanto é vantajosa.

REFERÊNCIAS

AMANDO, A.; MCBRIDE, M. Increasing person-centered thinking: improving the quality of person-centered planning. **A manual for person-centered planning facilitators**. Minneapolis, Minnesota: University of Minnesota, Institute on Community Integration. 2001.

BARBOSA, M. O. O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 61, p. 299-310, 2018.

BASSI, T. M. S.; BRITO, V. M.; NERES, C. C. O Plano Educacional Individualizado e a Escolarização dos Alunos com Deficiência Intelectual: políticas e práticas. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 2, p. 1015-1034, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp2.14329>. Acesso em: 23 jan. 2021.

BERELSON, B. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner; 1984.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.394-1996?OpenDocument. Acesso em 15 de jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Nº 4, de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Relator: César Callegari. Resolução CNE/CEB 4/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília. 2015. Disponível em:

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13146&ano=2015&ato=c4aUTW65UNVpWT495>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BRIDI, F. R. S.; FORTES, C. C.; BRIDI FILHO, C. A. Educação e autismo: as sutilezas e as possibilidades do processo inclusivo. In: ROTH, B. W. (Org.) **Experiências educacionais inclusivas: Programa de educação inclusiva: direito à diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/experiencias%20inclusivas.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*, n. 21, 65-74, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/KT7rrhL5bNPqXyLsq3KKSgR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2021.

COSTA, D. S.; OLIVEIRA, G. P. A cortina de fumaça na inclusão de alunos com deficiência. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1-p.118 -134, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/37922>. Acesso em: 23 jan. 2022.

COSTA, D. S.; SCHMIDT, C. Plano Educacional Individualizado para Estudantes com Autismo: revisão conceitual. **Cadernos de Educação - Faculdade de Educação** (UFPel), Pelotas, n. 61, p. 102-128, 2019.

DUBBET, F. O que é uma escola justa? **Caderno de Pesquisa**. Université, Victor Segalen 2, v. 34, n. 123, 2004, pp. 539-555. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/jLBWTVHsRGSNm78HxCWdHRQ/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 25 jan. 2021.

FARIAS, T. M. C. DE et al. **Conhecimento, práticas e atitudes sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na educação e na saúde: uma revisão**. Estudos interdisciplinares em saúde e educação nos distúrbios do desenvolvimento, organizadores: Alessandra Gotuzo Seabra et al. São Paulo: Memnon, p. 37-50, 2020.

FRIAS, E. M. A. **A inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais: contribuições ao Professor do Ensino Regular**. Paranavaí: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008/2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-6.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLAT, R.; VIANNA, M. M.; REDIG, A. G. Plano Educacional Individualizado: uma estratégia a ser construída no processo de formação docente. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**. Rio de Janeiro, v. 34, n. 12, p. 79-100, 2012.

GORAN, Lisa et al. Pursuing Academic and Functional Advancement - Goals, Services, and Measuring Progress. **Teaching Exceptional Children**, v. 52, n. 5, pp. 333-343, 2020.

IBGE, Censo Escolar - Pesquisa - **Docentes Ensino Fundamental**, Maceió, Alagoas, Ano 2020. Portal do Governo Brasileiro. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/pesquisa/13/5908>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

LIMA, Lane. **Programa Educativo Individual**. *Diário online (weblog) “respeitando limites e valores”*, 2010. Disponível em: <http://gigi-amancio.blogspot.com/2010/02/programa-educativo-individual-pei.html> Acesso em: 23 jan. 2021.

LIMA, N. M. L. et al. **A educação especial no município de Maceió na perspectiva da educação inclusiva**. Estudos interdisciplinares em saúde e educação nos distúrbios do desenvolvimento, organizadores: Alessandra Gotuzo Seabra et al. São Paulo: Memnon, p. 14-22, 2020.

MASCARO, C. A. A. DE C. O Plano Educacional Individualizado e o estudante com deficiência intelectual: estratégia para inclusão. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 18, n. 205, p.12-22, jun. 2018.

OLIVEIRA, M. A. DE. **Plano Educacional Individualizado e sua importância para a Inclusão de crianças autistas**. 2020, 142 p. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Centro de Educação, Letras e Saúde, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu.

ORRÚ, S. E. A formação de Professores e a Educação de Autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**. Fundação de Encino Octavio Bastos, v. 1. N. 1. p. 1-15, 2003. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/deloslectores/391Orru.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.

PACHECO, J. **Caminhos para inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/estudos_planejamento/julho2019/estudo_planejamento_julho2019_escolasespecializadas_anexo7.pdf>. Acesso em: 22 jan. de 2021.

PEREIRA, D. M. Análise dos efeitos de um Plano Educacional Individualizado no desenvolvimento acadêmico e funcional de um aluno com transtorno do espectro do autismo. **Tese** (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014, 181p.

PIMENTEL, A. G. L., FERNANDES, F. D. M. A perspectiva dos professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Academia Brasileira de Audiologia**, São Paulo, v.19, n. 2, p.171-178, jun. 2014.

PLETSCH, M. D.; GLAT, R. A escolarização de alunos com deficiência intelectual: uma análise da aplicação do Plano de Desenvolvimento Educacional Individualizado. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, vol. 18, n. 35, p. 193-208, 2012.

POKER, R. B. et al. **Plano de Desenvolvimento Individual para o Atendimento Educacional Especializado**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MACEIÓ. **Plano Municipal de Educação**. 2015-2025.

RIBEIRO, D. M.; MELO, N. R. C. DE; SELLA, A. C. A inclusão de estudantes com autismo na rede municipal de ensino de Maceió. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 425-440, 2017.

SILVA, G. L. DA; CAMARGO, S. P. H. Revisão integrativa da produção científica nacional sobre o Plano Educacional Individualizado. **Revista Educação Especial (UFSM)**, Santa Maria, v. 34, p. e49/1-23, 2021.

TANNÚS-VALADÃO, G. T.; MENDES, E. G. Inclusão escolar e o planejamento educacional individualizado: estudo comparativo sobre práticas de planejamento em diferentes países. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230076, out. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230076>. Acesso em: 05 fev. 2022.

VIANNA, M. M.; SILVA, S. E. DA; SIQUEIRA, C. F. O. DE. **Plano educacional individualizado: que ferramenta é esta?** VI Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. ISSN 2175-960X – Pg. 2824-2835. Londrina: (UEL) de 08 a 10 novembro de 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DO FORMULÁRIO GOOGLE

Pesquisa sobre o Plano Educacional Individualizado

Este questionário tem o objetivo de coletar dados sobre os processos de inclusão escolar. Para tanto gostaríamos de contar com sua colaboração para responder as perguntas abaixo. **NÃO PRECISA SE IDENTIFICAR.**

Você está convidada a participar de um questionário sobre o Plano Educacional Individualizado (PEI) para a coleta e análise de dados de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Lucineide Omena Gomes (Pedagogia EaD – CEDU - UFAL), sob orientação do Professor/Dr. Leonardo Brandão Marques (Centro de Educação da UFAL). Agradeço sua contribuição na pesquisa caso você tenha acompanhado ou tenha tido na sua de aula, entre 2011 e 2021, um estudante com Transtorno do Espectro Autista.

A duração média do questionário é de cerca de 15 minutos.

Garantimos que o estudo não acarretará nenhuma despesa para você. Nos comprometemos em assegurar quaisquer interações que venham a causar risco à saúde física e mental.

Os benefícios esperados com a participação na coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mesmo que não diretamente, envolvem contribuir no conhecimento sobre o processo de inclusão escolar.

Você será informado(a) do resultado final do trabalho e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Além disso, você poderá contar com a seguinte assistência do orientador, Prof. Dr. Leonardo Marques, para sanar quaisquer dúvidas sobre os objetivos ou o andamento da pesquisa. Garantimos que a qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Contatos: leonardo.marques@cedu.ufal.br e lui.gomena@gmail.com.

Agradecemos imensamente.

Informações sobre você:

1. Qual sua idade? _____.

2. Qual o seu sexo?

() Feminino.

() Masculino.

() Prefiro não dizer.

3. Qual a sua formação?

() Magistério – Ensino Médio

() Pedagogia

() Outra licenciatura _____.

4- Quanto tempo leciona? _____.

5- Possui alguma especialização (pós-graduação)?

() Não

() Sim. Qual? _____.

6- Participa de formações continuadas?

() Não

() Sim. Com qual frequência?_____.

7- Ofertada por quem?

() Escola

() SEMED

8- Você utiliza estratégias, metodologias e/ou recursos diferenciados para o seu aluno autista?

() Sempre

() Quase sempre

() Às vezes

() Raramente

() Nunca

**9- Qual sua concepção sobre avaliação do ensino-aprendizagem?
Quais processos ou conceitos você utiliza no seu planejamento pedagógico?
Adota alguma teoria ou teórico em particular?
[resposta curta]**

Informações sobre o estudante:

10- Qual a idade do seu aluno autista? _____.

11- Qual o sexo do seu aluno?

() Masculino.

() Feminino.

12- Qual o ano (série) dele? _____

13- Seu aluno autista é diagnosticado?

() Sim, o responsável trouxe o laudo médico.

() Não, mas sei que ele é autista pelos sinais que ele apresenta e demonstra bastante atraso nos indicadores de desenvolvimento.

() Não tenho o laudo, mas a família disse que é autista e comprovamos que ele tem muitas dificuldades.

14- Qual o grau de autismo?

() Leve

() Moderado

() Severo

() Não sei classificar

15- Além do autismo, o seu aluno tem outra deficiência?

() Não. Só o autismo.

() Ele também tem deficiência visual.

() Ele também tem deficiência auditiva..

() Ele também tem Síndrome de Down.

() Ele também tem deficiência intelectual (antigo retardo mental).

() Ele também tem TDAH.

() Tem algo mais, porém não sei identificar.

() Outro. _____.

16- Sobre a comunicação do seu aluno autista:

() Ele fala bem e demonstra entender bem os assuntos e o que falamos.

- () Ele fala, mas algumas coisas são fora do contexto, ou seja, tem a fala, mas sem funcionalidade.
- () Ele fica o tempo todo repetindo algumas palavras ou frases.
- () Ele não fala, mas entende o que dizemos e realiza as tarefas.
- () Ele não fala. Emite alguns sons e parece não entender nada. Precisa sempre de ajuda para realizar alguma coisa ou nem realiza.

17- Sobre os movimentos do seu aluno autista:

- () Ele consegue ficar sentado tranquilo.
- () Ele fica boa parte do tempo sentado, mas de vez em quando levanta e anda pela sala.
- () Ele quase não fica sentado, preciso falar o tempo todo para sentar e ele também faz muitas estereotipias.
- () A Auxiliar precisa sentar ao lado dele e segurar as vezes para ele não sair da cadeira.

18- Sobre a interação do seu aluno autista com os outros colegas:

- () Como o grau dele é leve, a interação é muito boa. Ele brinca e interage.
- () Ele interage pouco. Fica mais tempo quieto em um canto no intervalo.
- () Ele só interage com a Auxiliar de Sala.
- () Ele parece ficar no próprio mundo, pois não interage com ninguém.

19- Sobre o desenvolvimento escolar do seu aluno autista:

(marque múltiplas alternativas)

- () Sabe ler e escrever;
- () Faz operações básicas de matemática;
- () Acompanha bem as outras disciplinas;
- () Escreve algumas frases;
- () Faz as continhas de somar e subtrair;
- () Escreve algumas palavras (o próprio nome, o da escola, dos pais);
Quais? _____
- () Escreve números. Até quanto? _____
- () Possui dificuldades em outras disciplinas;
Quais? _____
- () Precisa de ajuda para realizar as tarefas.
- () Não consegue ler e nem escrever;
- () Não sabe fazer os números;

() Não consegue realizar as tarefas mesmo com ajuda da auxiliar.

20- Seu aluno faz acompanhamento com terapeutas?

() Sim. Recebemos documentos sobre o tratamento médico dele.

() Sim, mas só temos a informação que ele é atendido, porém nada comprovado.

() Não. Ele não faz tratamento algum.

() Não tenho informações sobre isso.

21- Seu aluno é acompanhado por uma Auxiliar de Sala?

() Sim. Qual a formação dela? _____.

() Não.

Informações sobre o plano educacional individualizado:

Perguntas a seguir para você que UTILIZA o Plano Educacional Individualizado (PEI).

22- Como conheceu o PEI?

() Recebi da psicopedagoga da sala de recursos.

() Recebi da coordenação da escola.

() Recebi da equipe de terapeutas que atendem meu aluno.

() A família trouxe de outra escola.

() Eu mesma pesquisei e imprimi um modelo da internet que atende ao que eu preciso.

23- Esse PEI que você utiliza:

() É completo. Tem todos os indicadores de desenvolvimento e é fácil para traçar metas, registrar e avaliar.

() Faltam algumas coisas e eu vou adicionando o que eu acho necessário.

() É simples, mas uso assim mesmo.

24- Quem participa da elaboração do PEI?

() Eu o faço sozinha(o).

() Só a diretora que faz ele e me entrega.

() A direção e coordenação fazem ele e me dão.

() Me reúno com a coordenação pedagógica e elaboramos ele.

() Me reúno com a coordenação e o responsável que cuida/acompanha o autista em casa, para nos falar detalhes das preferências do aluno e ajudar a planejar.

() É uma reunião completa com: direção, coordenação, família, terapeutas, auxiliar de sala e o aluno (quando interage). Todos contribuem para um planejamento personalizado.

25- Sobre o uso do PEI:

- Uso como formalidade de um documento educacional.
- Uso porque considero precioso traçar os planos e metas e depois avaliar o que foi alcançado.

26- Seu conhecimento sobre o PEI:

- Conheço muito bem. Me interessa sobre o assunto. Pesquiso e até leio artigos científicos sobre.
- Sei da importância, mas só faço o uso normal dele.
- Só utilizo ele como documento obrigatório, mas acho dispensável.

27- Você concorda que o planejamento pedagógico para o aluno autista deveria mediar o trabalho do professor em articulação com outros profissionais (T.O, fono, psicólogo, etc.)?

- Concordo plenamente
- Concordo
- Indiferente
- Não concordo

Perguntas a seguir para você que NÃO UTILIZA o Plano Educacional Individualizado (PEI):**28- Já que você não utiliza formalmente o PEI, como você planeja metas para o aluno autista?**

- Incluo o meu aluno no plano geral da turma, anoto as etapas e metas que ele atinge.
- Traço sozinha(o) um plano simples, com as metas pedagógicas e cognitivas que ele precisa atingir, para depois anotar e avaliar.
- Converso com a coordenação e/ou a psicopedagoga sobre as habilidades e potencialidades do meu aluno para avaliarmos a evolução dele.
- Deixo ele à vontade sem planejamento definido, já que o importante é que ele tenha uma socialização com as outras crianças e toda a escola, porque na parte cognitiva ele não aprende nada.

29- Não faço um plano individual, mas:

- Acho importante que o meu aluno esteja na sala de aula, pois qualquer coisa que ele aprende, já é de grande valia mesmo sem um PEI.
- Converso sempre com a mãe (ou responsável) para saber as preferências dele para adaptar as tarefas.
- Espero que a coordenadora ou psicopedagoga me entregue o que elas consideram importante para o meu aluno atingir.

30- Quais outras estratégias ou ações de planejamento você utiliza?

[resposta longa]

31- Existem momentos de articulação/discussão FORMAL entre os profissionais da equipe pedagógica para a avaliação e o planejamento das atividades dos alunos autistas?

- . 7 vezes por semestre ou mais
- . 5 a 6 vezes por semestre
- . 3 a 4 vezes por semestre
- . 1 a 2 vezes por semestre
- . Não ocorre com os estudantes de minha classe/turma
- . Não temos na escola

32- Existem momentos de conversa ou troca INFORMAL entre os profissionais da equipe pedagógica para a avaliação e o planejamento das atividades com as crianças especiais? Exemplos: grupos ou conversas de WhatsApp, email, conversas de corredor, etc.

- .Frequentemente
- .Ocasionalmente
- .Algumas vezes
- .Raramente
- .Quase nunca
- .Nunca

33- Sobre essa pesquisa:

() Adorei e quero responder outras mais, pode mandar.

E-mail: _____

Celular: _____

() Achei válido e importante.

() Não gosto de responder pesquisas.

() Com essa pesquisa, eu tive a oportunidade de saber sobre a existência do PEI, vou providenciar um com a equipe da escola e vou passar a utilizá-lo.

34- Cite quais assuntos mais a UFAL deve investigar com os seus grupos de pesquisa: [resposta longa]

APÊNDICE B - REQUERIMENTO À SEMED

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
PEDAGOGIA LICENCIATURA - EaD**

REQUERIMENTO

À SEMED - Maceió
Coordenadoria Geral de Educação Especial
Coordenadora Cláudia Valéria

Lucineide Omena Gomes, brasileira, graduanda do curso de Pedagogia - Licenciatura - EaD, matrícula sob o nº: xxxxxxxx, inscrita no CPF nº: xxx.xxx.xxx-xx e no RG: xxx.xxx-SSP/AL., residente e domiciliada à Rua xxx xxxxx, xx bairro: xxxxx xxx, Maceió - Alagoas, vem respeitosamente à presença de Vossa Senhoria, requerer a relação das escolas municipais com seus respectivos emails para a efetivação de um Trabalho de Pesquisa de Campo sobre planejamento escolar referente à Inclusão de estudantes com TEA. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desta que vos solicita sob orientação do Professor/Dr. Leonardo Brandão Marques (CEDU-UFAL).

Maceió/AL. 03 de dezembro de 2021.

Lucineide Omena Gomes
82-98887-9647 - lui.gomena@gmail.com

Orientador
Leonardo Brandão Marques
82-99606-0071 - leonardo.marques@cedu.ufal.br